

VESPAS AMERICANAS – 1*



Estas vespas nem são áticas, como as de Aristófan¹, nem gaulesas, como as de Alphonse Karr.² Tenho consciência de que elas mordem com menos graça, e não sabem tirar sangue, fazendo rir o paciente.

Demais, tudo depende do objeto. As vespas áticas investiam contra a filosofia de Sócrates, e as vespas gaulesas contra a monarquia de Julho.³ Ora, eu creio que não preciso provar que as vespas americanas não pretendem atacar cousa que se pareça com a monarquia de Julho ou com a filosofia de Sócrates.

Portanto, nem por si, nem pelos padecentes, as vespas americanas não podem fazer grande cousa. Darão a sua ferroada, de quando em quando, sem bulha nem matinada.



– Por que não falou ainda o Sr. Ferraz?⁴

É a pergunta que me fazia ontem um membro do parlamento.

* Esta edição foi preparada a partir da seguinte fonte: SI (5 jun. 1864, p. 1455). São duas as crônicas; elas foram numeradas nesta edição. O título, no periódico, traz ponto-final. A lista das abreviaturas utilizadas encontra-se ao final do texto editado. Editor: Ivo Korytowski.

¹ Aristófanes] Aristófanes – em SI. Alusão à comédia *As vespas*, de 422 a.C., do autor grego antigo Aristófanes, uma sátira ao sistema ateniense de tribunais do júri.

² Alusão à revista satírica de grande sucesso *Les Guêpes* publicada pelo romancista e jornalista francês Alphonse Karr de 1839 a 1849.

³ Período entre 1830 e 1848, em que a França foi governada por Luís Filipe I.

⁴ Senador Ângelo Moniz da Silva Ferraz, barão de Uruguaiana (1812-1867).

– Eu sei lá! respondi eu.

E pus-me a cogitar.

– Por que não falaria o ex-ministro da fazenda,⁵ quando deve estar empenhado em combater a situação atual, cujos sintomas começaram a aparecer durante o seu ministério?

S. Ex. tem a língua solta, não é peço, tem talento e sabe fazer oposição. Esta viagem a Paris,⁶ onde visitou o parlamento, deve dar-lhe vontade de subir amiudadas vezes à tribuna, para mostrar que não só não desaprendeu, como aprendeu muita coisa nova.

Com efeito, é de supor que o ilustre conselheiro, tendo estudado a eloquência parlamentar francesa, reproduza o sestro de certo indivíduo que, tendo ido várias vezes às sessões do júri, não falava senão de um modo pausado e grave:

– Mas, – eu – creio, – que, – tiradas as – consequências, – seremos obrigados – a – concluir – forçosamente, etc., etc., etc.

A expectativa tem sido burlada, e o conselheiro não fala. Mal solta um apartezinho, de quando em quando, e...⁷ moita.

O que me parece é que o ilustre senador consultou algum mágico, e no meio daquele silêncio está observando tudo com disfarçada atenção.

S. Ex. usa agora uma luneta quadrada, que prende galhardamente ao olho direito. Esta luneta, não creio que seja uma simples luneta. Todos os que leram Hoffmann lembram-se daquela luneta que um certo Coppélius⁸ dá a um rapaz (não é epigrama, conselheiro!) e pela qual o referido rapaz vê cousas diabólicas e extraordinárias. Presumo que o conselheiro achasse no caminho algum Coppélius.⁹

Será assim?

*Dicant Parienses!*¹⁰



⁵ O senador Ferraz foi ministro da Fazenda de 10 de agosto de 1859 a 2 de março de 1861.

⁶ Em agosto de 1862 o senador recebeu uma licença de um ano para tratar da saúde na Europa (*Correio Mercantil*, “Notícias Diversas”, p. 1, 9 ago. 1862), licença esta que se prolongou até 1864, já que, na sessão do Senado de 7 jan. 1864, leu-se um requerimento solicitando a extensão da licença até “abril do ano corrente” (*Diário do Rio de Janeiro*, p. 1, 8 jan. 1864).

⁷ e...] e... – em SI.

⁸ Coppélius] Coppellius – em SI. Referência a “O Homem da Areia” (“Der Sandmann”) do escritor alemão E. T. A. Hoffmann, o primeiro conto do livro *Die Nachtstücke* (*Contos Noturnos*), publicado em 1817.

⁹ Coppélius.] Coppellius. – em SI.

¹⁰ Em latim. Tradução: Deixem os parisienses dizerem.

Não vou mais longe porque a folha não comporta.

Naturalmente queriam mais um pouco de política?

Pois não há mais.

Espero o resultado das cousas. Deixo o ministério, a câmara e o senado progredir na obra que lhes está incumbida, sem dizer o que penso a respeito dos boatos sobre a continuação do gabinete.

O que me consta é que o gabinete, em um momento de bom humor, fez uma ligeira paródia do *Gastibelza* de Victor Hugo:¹¹

Le vent qui vient du côté de la chambre,
M'a rendu...¹² fort!

Gil [Machado de Assis].¹³

Semana Ilustrada, p. 1455, 5 jun. 1864.

Abreviaturas empregadas nesta edição

SI – *Semana Ilustrada*.

Referências

GIL [Machado de Assis]. Vespas americanas. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, p. 1455, 5 jun. 1864.

¹¹ Gastibelza] Gastibelsa – em SI. O poema, do livro *Les rayons et les ombres* (1840), chama-se “Guitarre” e constitui-se de 11 estrofes de oito versos, os ímpares decassilábicos, os pares quadrissilábicos. A primeira estrofe começa com os versos “Gastibelza, l’homme à la carabine, / Chantait ainsi:” (“Gastibelza, o homem com a carabina / Cantava assim:”), e todas as estrofes terminam com os versos “Le vent qui vient à travers la montagne / Me rendra fou!” (“O vento que vem através da montanha / Me deixará louco”), que na paródia citada pelo articulista se transformam em “Le vent qui vient du côté de la chambre, / M’a rendu... fort!” (“O vento que vem do lado do aposento / Me deixou... forte!”)

¹² M’a rendu...] M’a rendu... – em SI.

¹³ “Pseudônimo utilizado quinze vezes por Machado, em diversas fases da juventude.” Ubiratan Machado, *Dicionário de Machado de Assis*, verbete “Gil”. Nesta crônica o pseudônimo vem em itálico; na segunda, em redondo.